

## OS VIKINGS NO BRASIL

---

CARLOS STUDART FILHO.

"The Lost Vikings of Greenland," artigo publicado, faz algum tempo, por Jorge Meldgaard no *Natural History*, órgão do American Museum of Natural History, de N. Y., e o aparecimento, em língua portuguesa, do livro de Frederico J. Pohl, intitulado *Os Exploradores Vikings*, parece não terem tido repercussão de monta no ambiente intelectual onde laboram os nossos arqueólogos e americanistas. (1)

Assim julgamos em razão de nenhum deles ter levantado a voz autorizada para profligar a onda de novas fantasias que já claramente se esboça nos domínios da nossa proto-história.

O fato é, na realidade, muito de lamentar porquanto divulgadas, como vêm sendo, pela imprensa leiga, tais devaneios encontram acolhida entre leitores desprevenidos, tomarão vulto e acabarão adquirindo, para eles, imerecidos foros de verdades inconcussas.

Falamos em onda de novas fantasias e desse modo o fizemos porque o campo penumbroso da proto-história brasileira tem sido, a miúdo, conturbado por imprevistos surgimentos de teses mirabolantes, pomposas e ocas, sustentadas, não raro, por estudiosos de justo renome.

O primeiro surto de teorias esquipáticas, consubstanciando afirmativas extravagantes e conclusões inanes a respeito das origens brasílicas, remonta a uns cem anos aproximadamente e apoiavam-se, de preferência, em dados que se relacionavam mais com a

---

(1) Pohl, em seu escrito, poucos acrescentamentos faz ao que já conhecíamos sobre o assunto através da leitura do livro bastante antigo de H. Beuchat e de outros de igual importância e de não menor anciania. E apenas mais prolixo e minucioso. Tem ele, todavia, o mérito, ressaltado, aliás, pelo próprio tradutor da obra, de haver identificado o local da casa de Leif Erikson, no Cabo Cod, o que é, já de si, uma grande contribuição ao exato conhecimento da proto-história do Continente Norte-Americano.

Linguística, do que propriamente com a Arqueologia. Eram elas, quase sempre, fruto da obsidente preocupação dos eruditos que ventilavam o assunto, de entroncar as civilizações, abrolhadas em terras americanas, naquelas que surgiram e floresceram em chãos do Antigo Continente; pretendiam, assim, defender os princípios monogenistas já então controversos.

Encabeçaram essa grande onda de dislates vultos consagrados nas letras nacionais, entre os quais merece ser citado o professor Ladislau Neto, sempre tão acerbamente criticado por Sílvio Romero (2). Combatidas por homens de cultura do porte do mestre sergipano, essas ficções passaram; já ninguém acredita que fenícios, cartagineses, egípcios e quejando povos das ribas mediterrâneas houvessem perlongado as nossas plagas oceânicas, levados pelo desejo de escambar, com os nativos, as mercancias trazidas das outras bandas do Atlântico, ou no propósito de nelas estabelecer colônias ou, ainda, de criar, em terras brasileiras, núcleos de exploração de minérios preciosos.

Desfizeram-se em pó, também, as teses destrambelhadas defendidas por Onfroy de Thoron e expressas em seu livro *Les Pheniciens a ile de Haiti et sur le Continent*, obra vinda a lume na cidade de Louvain, em 1889, em *Voyages de Flottes de Saloman et de Hiran en Amérique*, trabalho este que apareceu inicialmente no jornal a geográfico *O Globo*, de Genebra, em 1869. (3)

---

(2) Anatematizando a falta de ponderação, os métodos e as conclusões a que chegaram esses estudiosos, disse Sílvio Romero: "Azafamados, entontecidos atrás de filiações, desconhecem os caracteres psicológicos e morais dos povos americanos, tão diferentes da indole das nações do Antigo Continente"; Chegam a encontrar, entre os dois Oceanos, os indícios de migrações fenicias, judias ou gregas, na costa oriental do Atlântico.

Ver Sílvio Romero "Ladislau Neto e a Arqueologia Brasileira" in *Etnografia Brasileira* — Rio, 1888.

(3) O escrito em apreço foi, no mesmo ano, publicado em folheto naquela cidade Sulça e teve em Manaus, seis anos depois, uma edição em língua portuguesa.

Cabe observar: o professor Odilon Nunes afirma, em trabalho intitulado *Pesquisas para a História do Piauí*, (pág. 27), que, da obra de Thoron foi feita, em 1905, uma tradução para o nosso vernáculo e que essa tradução — possivelmente, da autoria do Dr. Artur Viana, — se acha inserta no tomo IV dos *Anais da Biblioteca e Arquivo Público do Pará*.

Interessante nos parece assinalar, outrossim, que Jorge Hurley assevera, por sua vez, ter aquela obra o título de "Antiguidade".

Ambos os historiadores são concordes em dizer que o citado escrito foi edicionado em Gênova, em 1869. Ora, isso se nos afigura um lápsio, que os teria levado a traduzir Genève por Gênova, quando a versão correta seria Genebra.

As teses fantasistas que Thoron defendeu, com inegável brilho e convicção em seu folheto de 1869, foram também divulgadas por Cândido Costa no livro *As Duas Américas*.

Idêntico destino tiveram os assertos, não menos extravagantes, relativos ao povoamento da hinterlândia amazônica, feitos por Apolinário Fort, "jovem mais cheio de imaginação que de ciência", no justo conceito de Paulo Rivet.

Veze sem conta especialistas dos mais credenciados têm, pois, tomado a si a ingrata e árdua tarefa de desmentir, também, afirmativas de caráter etnológico, divulgadas por viajantes e aventureiros de minguados escrúpulos, que, em diferentes épocas, têm visitado a nossa hinterlândia ou dela não feito o palco de suas traficâncias. (4)

Desgraçadamente, porém, os esforços envidados por esses homens destemorosos e cultos no sentido de restabelecer a verdade, em assuntos pertinentes à nossa história pré-cabralina, têm tido, sob certos aspectos, resultados inteiramente vãos. Desse modo ocorre porque, a despeito de tantas e tão justas contestações, opostas aos tresvários daqueles que, sem a necessária prudência, empreendem solucionar o difícil problema das origens das gentes brasílicas, em nada se modificou a inata tendência dos nossos estudiosos e do povo em geral, em aceitar, como dignas do melhor crédito, afirmativas duvidosas, para não dizer mendazes, partidas de pseudos cientistas e letrados de discutível saber.

Se desse modo não fora, jamais teriam tido ingresso, nos anais da nossa proto-história, os mui falados Vikings, esses destemorosos piratas da Velha Escandinávia.

### OS VIKINGS DO BRASIL

Quem afirma a estada dos Vikings no Brasil pré-cabralino é Jacques Marie de Mahieu, intelectual que goza, ao que parece, de grande prestígio no meio cultural argentino, pois ocupa, diz-nos o jornalista Ricardo Navajio, uma cadeira de professor na Universidade de Buenos Aires e tem "muita coisa publicada sobre as especialidades que cultiva."

Sua obra de maior vulto e importância seria, segundo o nosso informante, os *Drakkars no Amazonas*.

---

Outro equívoco nos parece haver cometido o professor Odilon Nunes, e refere-se ao título da obra que ele pretende ser *Voyages de Vaissaux de Saloman au Fleuve des Amazones*, quando, na realidade, é aquele que mencionamos ou seja, *Voyages de Flottes de Saloman et de Hiran em Amerique*.

Note-se, outrossim, que o historiador paraense Jorge Hurley, no capítulo quinto do livro a que deu a lume em 1913, faz sugestiva e minuciosa análise dos escritos de Thoron que merece ser lida.

(4) Tarefa, aliás, a mil título louvável, porquanto em tais afirmativas se têm arrimado escritores levianos quando intentam resolver o difícil problema das origens dos povos que no Brasil viveram antes da era do descobrimento.

As idéias que Mahieu defende, nesse e noutros livros de sua autoria, são, em nosso entender, de uma singeleza pasmosa. Exedem, em ingenuidade e extravagância, às defendidas, antes dele, por outros pseudo-americanistas de igual tomo que versaram as remotas origens dos nossos aborígenes e as supostas relações desses silvícolas com os povos da Europa e da Ásia distante.

Discípulo, ao que parece, e digno continuador do muito conhecido Ludovico Schwenhagem, é tão fantasioso e incongruente quanto esse professor austríaco que nos visitou faz quase meio século.  
(<sup>5</sup>)

A feição do mestre, Mahieu ignora, segundo tudo indica, os modernos estudos versando o assunto que intenta ventilar com tanto destemor e de maneira tão inconsistente. E, fato ainda mais grave, desconhece, as “múltiplas e variadas notícias e observações, primorosas pela veracidade, que se nos deparam nos escritos dos cronistas e viajantes que, durante os três séculos coloniais, se ocuparam do nosso país”, notícias de capital importância para a elucidação de problemas referentes às nossas origens americanas.

Não conhecemos a obra de Mahieu, nem jamais tivemos a ocasião de ler qualquer de seus trabalhos. Bem informados estamos, porém, no tocante à sua opinião a respeito da presença de Vikings em chãos americanos e das façanhas que, neles, teriam, realizado esses marujos valentes e erradios, pela leitura de um longo artigo de Ricardo Navajio publicado no *Jornal do Brasil*, de 26.V.1974.  
(<sup>6</sup>)

De acordo com a teoria exposta pelo professor francês, os Vikings exploraram o Novo Continente muitos séculos antes de nele aportar a frota de Colombo, penetrando-o, inicialmente, pelas costas da América Central e do México.

## DO MÉXICO AO PARAGUAI

Portadores de cultura superior, tecnicamente mais avançados do que os nativos com que tomavam contacto, os *Vikings* foram por eles considerados verdadeiros deuses. Valendo-se do religioso respeito que lhes votavam esses homens rudes, os recém-vindos, fun-

---

(5) O trabalho do Professor Ludovico Schwenhagem, intitulado *Antiga História do Brasil* (de 1190 a.C. a 1500 d.C.) foi, há pouco, republicada pela Editora Cátedra com um prefácio do Sr. Moacyr C. Lopes.

(6) Do artigo em apreço, de que nos valem para expor pontos de vista defendidos por Mahieu, transcrevemos vários trechos a fim de que o próprio leitor melhor possa aquilatar do seu valor. Ficarão, assim, inteirados de quanto suas afirmativas são obscuras, incongruentes e desarrazoadas.

Tenhamos presente, outrossim, que as idéias defendidas por J. Mahieu foram, diz-nos Simon Müller, combatidas na própria Argentina por cientistas de grande renome. (Ver “*O Globo*”, de 12.X.75).

daram, nas regiões que iam devassando, um autêntico império. Após essa façanha, eles lentamente se dirigiram para o Meio-dia, atravessando a América Central até atingirem a América do Sul.

Aparentemente ignoram a América do Norte. (7)

Na América do Sul, o domínio dos Vikings, também “com características de império”, estendeu-se, afirma o mesmo Mahieu, da Venezuela ao Equador ou, mesmo, até o norte do Peru. Impondo-se aos aborígenes, deixaram, nas terras conquistadas, numerosos vestígios de suas presenças.

As populações indígenas da Bolívia não teriam, igualmente escapado à influência dessa gente aventureira. “Os Vikings, diz ele, à guisa de explicação, não imperaram do México à Bolívia (ou ao Paraguai), de maneira uniforme, numa extensão territorial contínua, mesmo porque presume-se (?) que eles tivessem sido assimilados paulatinamente ou expulsos, com o tempo”.

## AS PROVAS

“As provas ou indícios que ensejaram essas hipóteses, seriam numerosas, todas — informa-nos ainda Ricardo Navajio, — mencionados cientificamente por Jacques de Mahieu na coleção de livros de sua autoria, um dos quais intitulado *Os Vikings da América do Sul*. — Fruto de suas pesquisas e, ainda, da colaboração prestada de vários outros estudiosos, — seria, ele, nesse particular, o seu trabalho de maior interesse. Como a justificar o mestre, cujas idéias resume, Ricardo assim prossegue. “Eram comuns, entre as populações pré-colombianas, acentuadamente da América Central, divindades que nada mais representavam senão traços físicos de fácil identificação com o navegador *Viking* que surgia em seu drakkar; cabelos loiros, olhos claros e outras características nórdicas. Houve transposição de mitologia”.

“São as runas, entretanto, o mais poderoso elemento de convicção de Jacques de Mahieu. Elas denotariam, de forma inequívoca, a herança que os *Vikings* legaram à América e novos estudos ou descobertas a respeito decifrarão, por certo, os mistérios que ainda

---

(7) O asserto é, na verdade, aberrante, pois hoje bem se pode afirmar com segurança que os Vikings visitaram as costas da América do Norte e que nelas fundaram entrepostos.

A curiosa inscrição, única achada em Minnisota e reproduzida primeiramente no número 1890, da revista *La Natureza* é das melhores provas da penetração daqueles navegantes em terras do Novo Mundo.

Nela, M. Roland pôde, com efeito, ler que 8 suecos e 22 noruegueses haviam transitado, pela região citada, vindos de Nova Escócia, em demanda ao Poente.

intrigam os pesquisadores. Muitas palavras indígenas, lembra Mahieu, têm visíveis raízes escandinavas, dinamarquesas ou norueguesas”.

“Com relação aos nomes de lugares, bastaria, diz Navajio, citar Cundinamarca, na Colômbia. Um mapa da bacia do Paraguai, feito pelos jesuítas em 1609 (reproduzido no livro *L' Agonie du Dieu Sekeil*, de Mahieu), traz a toponímia quase exclusivamente dinamarquesa. Breve estudo realizado por Mahieu, com auxílio de renomados filólogos, teria mostrado que, “entre mil palavras usadas pelas populações quíchua e aimará, quase a metade tinha raízes escandinavas. (?) As palavras de influência *Viking* referem-se às atividades importantes da vida: alimentação, guerra e religião”.

“Significativo, para o professor francês, seria o fato de o primeiro imperador incaico chamar-se Manco Capac. Manco contém, assegura ele, valores dinamarqueses que querem dizer homem: e Copac, chefe ou soberano. Entre os ancestrais dos incas, povo (?) que os *vikings* dominaram com certeza, (?) os nobres tinham cabelos loiros, olhos azuis e eram altos.

Com o tempo as populações aborígenes reagiram e puseram fim ao jugo *viking*, mas os incas guardaram seus traços como em situações anteriores, os *vikings*, ou melhor dizendo, os seus descendentes, refugiaram-se em regiões vizinhas.”

“No lago Titicaca, por exemplo, restam heranças *vikings*, como a forma dos barcos *totoras* (usados ainda hoje pelos índios), a qual se assemelha à dos *drakkars*. Ainda nesse lago, na parte hoje pertencente à Bolívia, um arquiteto arqueólogo apontou, nos tempos de *Tiahuanaco* (capital pré-incaica de império dinamarquês), detalhes que são cópias perfeitas da Catedral de Amiens, construída no século XIII.”

“Foi no Paraguai, contudo, que Jacques de Mahieu encontrou há pouco tempo provas concludentes de sua teoria, entre os índios *guayakis*, que são brancos, barbudos e ficam calvos, características jamais vistas entre os ameríndios a não ser os descendentes de escandinavos. A existência dos *guayakis* já era mencionada pelos primeiros cronistas espanhóis no século XVI.”

Em uma de suas publicações, datada de 1972, e que se intitula *As Inscrições Rúnicas Pré-Colombianas do Paraguai*, o Instituto de Ciência do Homem, de Buenos Aires, dirigido por Mahieu, assim termina o relatório da missão por ele chefiada:

“1 — Havia no Paraguai, antes da conquista espanhola, indivíduos de fala norueguesa que escreviam com runas, como provam as inscrições achadas.

2 — Esses indivíduos eram *Vikings*, — ou, mais exatamente, descendentes de *vikings*. Provam isso os drakkars pintados na cruz de cerro Polilla (o ponto principal dos achados antropológicos) e a mescla de caracteres rúnicos de vários *futhark*, cuja justaposição na Escandinávia só existiu no século X.

3 — Os antepassados desses nórdicos haviam vivido no altiplano andino. Prova disso é a inscrição agregada, superposta à imagem de Odim pintada na cruz de cerro Polilla.

4 — Os primeiros habitantes, de aparência nórdica, da ilha de Páscoa, provinham da América do Sul, conforme provam os caracteres de *Rongo-rongo* que figuram nos fragmentos de cerâmica achados em Cerro Moroti (outro local importante das descobertas).

5 — Os *guayakis*, hoje existentes, são os descendentes, degenerados e ligeiramente miscegenados com ameríndios, dos escandinavos fixados no Paraguai.

Os guayakis são baixos, mas têm a cabeça e os órgãos genitais de um homem de quase dois metros de altura, comum entre os *vikings*. (?) Não há a menor dúvida agora de que eles são arianos de origem nórdica, Pergunta Mahieu “Não seriam eles descendentes dos nórdicos que habitavam o Peru, cujas múmias foram encontradas nas grutas pré-incaicas de Paracas em 1925” As semelhanças causam espanto. Cerro Polilla era um posto de campanha *viking* que durou até o começo do século XV e que servia à rota Atlântico — Tiahuanaco-Pacífico”.

Indo além, “sustenta, ainda, que eles estiveram também no Brasil, onde teriam penetrado partindo dos Andes, e, mais tarde, vindo diretamente pelo Atlântico, através de rotas séculos depois percorridos por navegadores espanhóis, portugueses, franceses e ingleses.

Para assim opinar baseia-se no fato, que lhe parece mais do que provado, qual seja a presença de *Vikings*, desde o século X, nas regiões hoje compreendidas pela Venezuela, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia e Paraguai.

Se o *Vikings*, argumenta, viveram em toda essa imensa área territorial, assim como na América e nas Guianas, que os teria impedido de entrar no território atualmente ocupado pelo Brasil?

Quanto ao litoral sul — esclarece o Sr. Ricardi, — o antropólogo francês já tem idéia particularmente formada. Recentes achados arqueológicos e constatações etnológicas, (?) bem como inscrições rúnicas no vale do Paraíba e no Paraguai e os índios brancos Guayakis neste país, indicam, segundo Mahieu, que os *vikings* co-

nheceram bem o caminho que vinha da Bolívia, passava por Assunção, Guaira e terminava na região de Santos. Esse caminho teria sido, mais tarde, ensinado pelos índios aos colonizadores ibéricos.”  
(5)

## TECIDO DE INCONGRUÊNCIAS E ERROS

Quem, porventura, possua conhecimentos ainda os mais perfunatórios, no tocante às civilizações abrolhadas desde o México até às terras que formam hoje as províncias argentinas, onde viveram os Diaguistes, jamais aceitará semelhantes fantasias.

E não aceitará porque um simples golpe de vista, sobre essas civilizações, evidencia, desde logo, que elas ignoravam o uso da roda e os movimentos circulares; não conheciam a metalurgia do ferro nem praticavam, de um modo geral, a arte da escrita. Ora de tudo isso os *Vikings* tinham inteiro conhecimento e, assim, estavam perfeitamente aptos para ensinar tais atividades às gentes americanas, se acaso com elas houvessem privado longamente, como pretende o senhor Mahieu. (6)

Ademais, o número relativamente diminuto de marinheiros que poderiam ter desembarcado nas costas mexicanas, e o fato de nenhum traço perceptível da influência desses navegadores ter sido possível encontrar na vida dos povos com os quais se pretende terem eles entrado em contacto, desautorizam tais assertos. Não permite aceitá-las, como verdadeiras, também a ausência de vestígios materiais, ou, seja, de ruínas denunciadoras de suas presenças nas terras habitadas por esses povos. Assim, a longa e lenta caminhada de muitos milhares de léguas, por estradas fragosas e rios torrenciais, vencendo povos, plantando civilizações, semeando descendentes mestiços e deixando, para os pósteros, mensagens esculpidas em rudes pedras, que o Sr. Mahieu pretende terem os *Vikings* realizado, mais parece a criação descompassada de um cérebro em delírio.

Considere-se, outrossim, que a existência, em várias regiões do Novo Mundo, de lendas que fazem referências a estrangeiros de

---

(5) Ninguém de boa mente poderia admitir que os *Vikings* conseguissem realizar a transordinária façanha — sem igual na história da humanidade — de avassalar, sozinhos, tão grandes tratos de terras americanas. Se assim fora, nem os invasores tártaros, nem mongóis, lhes chegariam aos pés. . .

(6) Há notícia de que um etnólogo alemão, o Dr. Tomas Barthel, pretende — baseado no estudo dos ornamentos geométricos existentes em peças de vestuários e vasos de beber, de procedência peruana — que os Incas desenvolveram um sistema de comunicação por escrito”, ou seja, que conheciam a arte de escrever. É isso, porém, uma opinião meramente pessoal e, até hoje, sem nenhuma prova que a sancione.



pele branca, vindos do Levante, criaturas excelsas cujos antropônimos ficaram indeléveis na memória das gentes com as quais teriam convivido, de modo algum ratificaram as afirmativas daquele arqueólogo. (7)

E não ratificam porque nada autoriza a admitir fossem, esses heróis, alienígenas europeus e, ainda menos, a considerá-los Vikings. Tenha-se presente que muitos são as divergências existentes entre os cronistas, que nos transmitiram tais lendas, — o que evidentemente muito lhes enfraquece o valor documental. Nelas enxameiam, também, as deturpações histórias praticadas, por alguns desses cronistas, no evidente propósito de fazer crer serem os heróis, cujos feitos consignam, filhos do Velho Continente.

Tampouco sancionam a tese exdrúxula do Sr. Mahieu as mirabolantes descobertas de cunho linguístico que ele pretende haver realizado.

Vimos, com efeito, que depois de asseverar terem muitas palavras indígenas visíveis raízes escandinavas (dinamarqueses ou noruegueses), Mahieu diz que, na bacia do Paraguai, a toponímia era quase exclusivamente dinamarquesa e, acrescenta que, entre mil pa'avras usadas pelas populações quíchua e aimará, a metade tinha raízes escandinavas...

Sustenta, outrossim, conter o antropônimo *Manco Capac* “valores dinamarqueses”, significando, respectivamente, homem e chefe ou soberano.

Não julgamos interessante analisar tais heresias, lembramos apenas que a existência de pressupostas ocorrências, em idiomas americanos, de raízes e termos na aparência semelhantes àqueles existentes em línguas de povos que vivem ou viveram em outras regiões do Globo, constitue assunto já mui versado e debatido.

As referidas pareenças vêm, com efeito, sendo insinuadas desde os primeiros estudos versando as origens dos povos e das civilizações americanas.

Do confronto de tais raízes nada se colheu, porém, de positivo.

Entre autores que desses processos se valeram para filiar as civilizações americanas àquelas abrolhadas no Velho Continente,

---

(7) Referimo-nos aqui a **Coon-Ticehuiracoha** ou **Huiracocha**, o herói civilizador dos Quíchuas que Cieza de Leon diz proceder de Tiachuaco e ser um homem branco. (H. Beucht *Manuel d' Archéologie*, Paris, 1912), a **Quelzallcochualt** — **Circulkan**, o criador do império Mala e que desapareceu no mar, depois de ter anunciado aos Taltecas que voltaria sob a forma de um indivíduo barbudo e calvo; e, ainda, a **Buchica** ou **Nemquetheba**, o estrangeiro de longas barbas que, chegando do nascente, ensinou aos Chibchas “as artes de civilização”.

apontaremos, entre muitos, de Paraney, por ser ele um especialista em assuntos pertinentes à América pré-espânica.

O aludido escritor julgou poder afirmar, baseando-se em presunções similitudes de caracteres físicos, calendários, línguas, etc., que os povos do México, Colômbia e Peru descendiam de peregrinos budistas, vindos do *Afeganistão*, no séquito de Hoi-Shin. (8)

Nem essas, nem quaisquer outras teorias, fundadas sobre bases idênticas, puderam, resistir à apreciação criteriosa dos doutos linguistas que se ocuparam do assunto.

Malgrado isso, merece registro, dado o seu caráter absolutamente fantasioso e a sua origem recente, — a tese exposta, em longo artigo da lavra de um historiador nordestino — e que veio a lume em 1968, sob o título “Nomes Brâmanes na Geografia dos Incas”. O autor pretende, em seu escrito, que existem, na toponímia de muitas regiões americanas, não apenas vocábulos sânscritos, mas, igualmente, gregos, chineses, marroquinos e, até, da língua de outros povos da África, “Nas designações geográficas, colhidas numa pequena extensão do território Inca, Cuzco e suas proximidades, vamos encontrar, assegura ele em certo trecho do seu trabalho, nomes de orações Hindus, de festas Hindus e outras de provável significação religiosa”.

Note-se, de passagem, que o autor do escrito, que tais “novidades linguísticas” encerra, desconhece, por completo, a estrutura de qualquer dos idiomas que cita com tanto desassombro. . . .

O mais fantasioso e extravagante de todos os escritores que, entre nós, abordaram o palpitante tema, foi indubitavelmente o Conde Ulisses de Penafort, que se julgou autorizado a proclamar a existência de “claras afinidades entre tupi e as línguas hebráica, sânscrita e grega.”

As páginas 268 do seu *Brasil-Pré-histórico*, obra pejada de duvidoso e estonteante eruditismo, ele diz, com efeito: “No Brasil os maiores representantes da raça semítica ou fenícia eram, no Norte, os Tupis, e, ao Sul, os Guaranis e, depois de citar, páginas 288, 289, 290, 291, uma série de nomes tupis e seus supostos correspondentes em sânscrito e grego, ele conclui triunfante:” para mostrar o parentesco de nossa formosa língua brasileira, ou tupi, com as três importantes línguas do mundo, o hebráico, o sânscrito e o grego, são suficientes as etimologias e os vocábulos que acima reproduzimos da longa nomenclatura que temos já colhido e fazem par-

---

(8) A tese que defende a origem búdica das civilizações, que naqueles países americanos se desenvolveram, foi defendida, mais tarde, por d'Eichthal e, a seguir, esposada por Hamy. (Beuchat. Op. cit., p. 730).

te do nosso *Lexicon tupi comparado* (11) “O que aí fica exarado, prossegue, vem corroborar o que afirmamos sobre o cruzamento das nossas raças brasileiras com as outras raças semitas e arianas.”

\* \*

\*

Os únicos estudos que, sobre o assunto aqui em debate, podem ser considerados producentes, foram aqueles levados a cabo pelo Prof. Paulo Rivet, abalizado americanista e professor do antigo Museu de História Natural, de Paris.

Esse notável homem de saber, que faz alguns anos esteve no Rio, onde ministrou curso no Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura, logrou, com efeito, demonstrar, pelo confronto de numerosas palavras, a existência de claras afinidades entre as línguas americanas dos grupos Hoka (12) e Tson (13), com as línguas da Oceânia.

Tais estudos foram sobremodo producentes porque consolidaram definitivamente, dando-lhes foros de verdade inconcussa, a hipótese formulada, em fins de 1924, pelo Prof. Meillt e segundo a qual Melano-Polinésios e Australianos teriam alcançado o Novo Continente faz milhares de anos.

Assim ocorreu porque, em virtude mesmo das descobertas de Rivet, adquiriram todo o seu significado, digamos documental, os fatos revelados por etnógrafos e antropologistas que, antes dele, haviam estudado os povos e as civilizações primitivas da América.

---

(11) — A teoria que apontava a Ásia como berço de origem dos povos americanos teve seu fastígio na época em que Max Müller criou a pretensa família das línguas turanas. As línguas do Novo Mundo apresentavam, em sua morfologia, traços análogos aos dos idiomas uralo-altáicos da Ásia Central e Oriental e muitos viam nisso uma nova prova dessa suposta origem (Beuchat. op. cit., p. 730).

No Brasil, tal corrente de idéias, a que se fillou o escritor português Teófilo Braga, teve um defensor convicto na pessoa do nosso grande historiador F. Adolfo Varnhagen. Sobre o assunto, ele publicou um livro intitulado “*Origens Turanas dos Americanos Tupis Caraibas.*”

(12) O grupo **Hoka** compreende um grande número de tribos que se escalonam, com algumas soluções de continuidade, ao longo das costas do Pacífico, desde o sul do Estado de Oregon até o istmo de Tehuantepec, numa distância de, aproximadamente, 27 graus de latitude; ou seja, entre 43° e 16 de lat. N. (R. Merle).

(13) O grupo **Tson** é integrado pelos índios chamados comumente Patagões e ainda, pelos Ona, seu ramo fuegino.

As descobertas do sábio francês explicavam, com efeito, de maneira perfeitamente plausível, as razões de existirem na América a rede, a máscara de dança, os instrumentos próprios a bater e desagregar as cascas de certas plantas têxteis, os kipus, as pontes de cipó que, na região andina, tanta admiração causaram aos conquistadores espanhóis — e que têm o seu símile na Nova Guiné, o propulsor de flechas, a zarabatana, o arco destinado a projetar balas de argila endurecidas pelo fogo, a clava de pedra da ponta estrelada, as cabeças-troféus, a flauta de Pã, a agricultura em terraço, tão empregada nos Andes e que permitiu a utilização das encostas, o ikaten, etc; todos lídimos produtos da cultura melanésio-polinésica.

Permitiram compreender as causas de certas parecenças que se podem notar entre as civilizações melanésio-polinésica e aquelas de que fruem alguns povos americanos, parecenças essas desde muito assimiladas por Graeber, Erland Nordenskiöld e pelo Pe. Schimidt.

Tornavam claras, outrossim, as razões de ser do caráter australiano da cultura fuegiana. Entre habitantes da Terra do Fogo foram, na verdade, encontrados os mantos feitos de peles, as choças em forma de colméia e a técnica do trançamento do cordão, elementos culturais assaz difundidos entre velhos moradores da Austrália.

Elucidavam, ainda, os motivos por que os caracteres osteológicos dos antigos habitantes da parte meridional da península da Califórnia e os da raça Sul-americana, conhecida pelo nome de raça da Lagoa Santa, apresentavam nítidas semelhanças com os da raça hipsistenocéfala da Melanésia, fato, assinalado inicialmente por Ten Kate e Quatrefages e, a seguir, pelo Prof. Rivet, em 1909, e que foi, mais tarde, confirmado por F. Verneau (R. Merle, op. cit. p. 108).

Justificavam, finalmente, a existência, entre Patagões modernos, de um tipo racial plati-braquicéfalo, feição claramente australóide, ocorrência divulgada por F. Verneau em seu trabalho intitulado *Les Indiens Patagons* (Mônaco, 1903). Davam também a razão de um crânio Ona — exibido por V. Lebzelter, no Congresso Internacional de Americanistas, — realizado em Gotenborg — apresentar características australóides perfeitamente nítidas (R. Merle).

## MAHÍEU E A PEDRA DA RETUMBA

Segundo afirma o Sr. Ricardi, o Prof. Mahíeu alude, em seus trabalhos, a existência de “inscrições rúnicas no vale do Paraíba” e que de tal fato se serve como prova da presença de *Vikings* em terras fluminenses do litoral brasileiro.

Se verdadeira a afirmativa, temos fundados motivos para suspeitar de que o professor francês ouviu falar nos famosos letrados da chamada Pedra da Retumba, na Paraíba, e, confundindo, certamente, o rio fluminense com o Estado Nordestino, — logo se lembrou que eles podiam servir de base às suas descompassadas fantasias. (14)

Valeu-se da mui célebre inscrição rupestre nordestina, como tantos outros pseudos arqueólogos se têm valido para fundamentar as teses desarrazoadas que formulam.

### AS INSCRIÇÕES LAPIDARES

Interessante nos parece recordar, de passagem, que as inscrições lapidares, abundantes em nosso país e em toda a América, ocultas em grutas e lapas ou marcando as margens rochosas de rios e lagoas e, ainda, nos serrotes e penhas que emergem das caatingas e banhados, vêm despertando a atenção de letrados e leigos desde o período colonial. Yves d' Evreux e Gabriel Soares as mencionam em seus escritos e delas falam cronistas e viajantes que conheceram o Brasil ao tempo do Império.

Nos dias atuais, assinalaram a sua existência quase todos os naturalistas que visitaram a nossa hinterlândia, e delas se têm ocupado homens dos mais respeitáveis nos altos domínios do saber.

Estudaram-nas, com efeito, em diferentes épocas, Tapajós, Ferreira Pena, Barbosa Rodrigues, Capanema, Porto Seguro, Taunay, Fernandes Pinheiro, Cunha Matos, T. Araripe, Ladisláu Neto, Severino da Fonseca, G. Tocantins, Jaime Reis, João Nogueira, Alfredo de Carvalho, Th. Sampaio e grande número de estrangeiros, entre os quais sobressai, pela segurança com que as descreve e analisa, o Prof. Koch Gruenberg.

---

(14) Não faz muito surgiu uma nova e sensacional interpretação para ela. A Revista *Planeta* publicou, com efeito, em seu número de agosto de 1973, um artigo em que Luis Caldino sustentava possuir a Pedra da Retumba numerosos signos estilizados que recordariam aqueles utilizados pelos alquimistas medievais. Representariam eles os planetas Mercúrio, Vênus, Marte e a própria Terra.

A maneira da Pedra Riscada (GO) e da Pedra Sol (S.P.), ela seria, portanto, um mapa estelar...

## ORIGEM E SIGNIFICADO

Que representam afinal as inscrições lapidares e quem teria traçados os enigmáticos sinais que as compõem?

Os aborígenes que foram, por certo, os primeiros interrogados a tal respeito, em sua maioria nada souberam ou quiseram responder, — e alegavam, para justificar a sua ignorância, real ou fingida, o terem-nos visto sempre ali desde o tempo das suas meninices.

Alguns nativos, contudo, — são essas as informações que de ordinário nos fornecem os viajantes modernos — fazem do ignoto artista, que aqueles desenhos esboçou ou esculpiu, um remoto antepassado do povo que eles integravam, um herói cuja lembrança é conservada nos mitos e lendas da sua tribo (Sumé, Yapericuli, dos Tarianas, Queri, Caro-Sa-caebá, dos Mundarucus), ou atribuem a sua autoria a gênios, gnomos ou demônios e, por isso delas se aproximam temerosos e apreensivos.

O nosso sertanejo, herdeiro da extraordinária faculdade imaginativa do silvícola, na ânsia de tudo querer explicar, dá, aos desenhos que descobre, as mais fantasiosas e extravagantes interpretações.

Para ele, como para o nosso povo em geral, seriam a obra de pajés ou de feiticeiros africanos, “marcos de tesouros soterrados”, indícios de riquezas ocultas por flamengos ou jesuítas.

Serviriam, ainda, para assinalar ricas minas de salitre. Também os pesquisadores que modernamente têm examinado a interessante questão da epigrafia brasileira emitem a seu respeito opiniões mais díspares.

Assim, pretendem uns que o artista que os esboçou, tenha querido deixar indelével na rocha a história da tribo (Jaguaribe), registrar feitos guerreiros, ou comemorar vitórias notáveis e acontecimentos importantes (Ehrenreich, in Thurn Ernest); outros vêem nas petrografias, o quadro grandioso de antiga civilização indígena (Chaffanjan), o atestado vivo de um grau de cultura mais elevado, entre indígenas de outrora (Humboldt, Richard, Schornburgk) ou as consideram “maravilhosos e estupandos monumentos hieróglifos de um povo” (Cunha Matos), e outros, ainda, a “obra de antigos habitantes que, em antiguidade e importância cultural, talvez nada ficavam a dever aos Mexicanos e Peruanos” (Whitfield). Há, também, quem neles veja “figuras destinadas a afugentar os demônios” (J. Creuxaux), marcar territórios e dividir povos.

Perceberam-se, por vezes, nas lápides, toscamente esboçados, imagens de sóis, de luas e de serpentes, e isso bastou para que certos estudiosos fossem levados a atribuir-lhes caráter religioso (Hartt e Martius) ou o “valor de misteriosos símbolos da cosmografia indígena” (B. Rodrigues).

Descobriram-se, gravados nas pedras, sinais que lembram vagamente os emblemas da última dinastia peruana e isso induziu Leuzinger a concluir serem elas as balizas que marcariam as grandes invasões quíchuas. . .

Desenharam, por vezes, os seus autores, com exagerado realismo, as figuras humanas e eis porque Kunert vê, nas rudimentares manifestações artísticas, de que nos ocupamos, o atestado flagrante da licenciosidade dos incolos primitivos de nossos sertões e, outros a prova incontestável da falolatria entre silvícolas americanos (Brown e L. Neto) .

A abundância de litóglifos nos rochedos que margeiam os rios levou de certos viajantes a supô-los destinados a assinalar lugares de naufrágios ou pontos piscosos, e, finalmente, o indigenista Stradelli a considerá-los "sinais convencionais, constituindo documentos históricos que talvez registrem antigas migrações e foram colocados em pontos importantes a fim de indicarem o caminho às migrações seguintes.

Todas essas opiniões, mencionadas por Alfredo de Carvalho, foram por ele vantajosamente combatidas em seu livro *Pré-história Sul Americana*. Nessa obra magnífica e digna de ser por todos consultada, arrimando-se nos demorados e conscienciosos trabalhos de Koch Gruenberg Malley e Andree e outros americanistas não menos abalizados, o autor conclui que nada permite atribuir as inscrições lapidares a povos extintos que teriam desfrutado os benefícios de uma civilização superior.

Seriam antes, diz ele, ociosos e grosseiros primórdios de uma arte primitiva e rude, guiada tão somente pela fantasia. *Simples Ludus Homini* (15)

No número dos estudiosos que ventilaram o problema das nossas inscrições ruprestes, há que incluir-se igualmente Tomás Pompeu Sobrinho, o Mestre Cearense, para quem as inscrições ruprestes pré-históricas seriam manifestações de caráter religioso. As suas afirmativas apoiam-se, aliás, no estudo de numerosas inscrições, existentes no Nordeste, sejam as mencionadas pelo Pe. Francisco Teles Corrêa de Meneses no trabalho intitulado *Lamentação brasílica*, sejam naquelas por ele próprio estudadas nos principais centros de inscrições ruprestes pré-históricos do nosso Estado.

#### A ILHA DE PÁScoa

A opinião do Sr. Mahieu, no tocante ao povoamento da Ilha de Páscoa, é, à maneira de tantos outros pontos de vista expostos

---

(15) Nessa obra o autor registra as suas observações sobre as inscrições lapidares ou letreiros em pedra, do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco.

em seu trabalho, também um autêntico despautério. Pretende ele, com efeito, que “os primeiros habitantes, de aparência nórdica (?), da citada Ilha, provinham da América do Sul, conforme provariam os caracteres de *rongo-rongo* que figuram nos fragmentos de cerâmica achados em cerro Morrote”.

Ora, consoante sabe toda gente, a Ilha de Páscoa, *Rapa-nui* ou *Henua* na língua dos nativos, situada a 3700 km da costa do Chile, a 1850 km da ilha de Pitcairn e a 2400 km da de Mangareve, deve a sua celebridade aos estranhos monumentos e às estátuas de pedras, que lhes juncam as praias oceânicas. A abundância daquelas misteriosas esculturas em terras assim perdidas na vastidão das águas do Pacífico cedo acendeu a curiosidade dos estudiosos, levando-os a formular as mais desencontradas hipóteses para explicar esse fato singular.

Certo escritor chegou ao extremo de atribuir a sua autoria a seres, em fase de adiantada cultura, vindos de outros planetas. <sup>(16)</sup>

Hoje, graças aos estudos bem orientados do professor William Mulloy que é “havido como o maior especialista em assuntos pertinentes à arqueologia pascoalense”, admite-se, como certo, terem sido, esculpidas em rocha vulcânica da própria ilha, em época assaz recente.

A datação, pelo método do Carbono 14, revelou, com efeito, remontarem, as mais antigas, ao século VII d. C.

Quanto aos artífices, que as modelaram, eram seguramente polinésios que tinham algo do estilo e sistema de vida dos melanésios.

Precisando, mais ainda, esses pontos de vista, o Prof. William Mulloy afirma que os pascoanos provieram, sem dúvida possível, das ilhas Marquesas. . .

Assim, nenhuma interferência houve de gentes da América Meridional ou de qualquer outra porção do Novo Continente, na conquista e povoamento da misteriosa Ilha.

### CONCLUSÃO

De tudo que vimos, no correr do presente trabalho, fácil é concluir que sobradas e justas razões tinha o jurista Clóvis Ramalhete quando, após assistir a uma das conferências pronunciadas no Rio de Janeiro pelo Prof. Mahieu, disse com oportuna ironia: “É pena que Canon Doyle não tivesse conhecido Mahieu. Do contrário, o seu Sherlock Holmes, seria mais rico ainda” . . .

---

(16) O jornalista Erich Von Damken, em seu livro “**Eram os Deuses astronautas?**”, julga-se autorizado a recorrer a tal hipótese a fim de explicar a existência das estátuas e dos monumentos”. Ver “**Os enigmas da Ilha de Páscoa**”, em **Pergunte e Responderemos**. Ano XIV, n.º 163, julho de 1973.